

CRISTIANISMO E FEMINISMO PODEM COEXISTIR? LIÇÕES DA PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO

VANESSA RAQUEL MEIRA¹

Resumo: Este artigo analisará a influência do cristianismo igualitário sobre os movimentos de emancipação feminina que compuseram a Primeira Onda do Feminismo dos séculos 19 e 20. Ao analisarem-se alguns movimentos cristãos igualitários é possível observar um padrão de oportunidades para a participação e liderança femininas. Neste artigo, através de pesquisa bibliográfica histórica, será destacada a herança religiosa das personagens que protagonizaram o início do feminismo nos EUA. O artigo revelará que lançar luz sobre as raízes religiosas do feminismo pode inspirar mulheres religiosas que não nutrem simpatia pelo feminismo contemporâneo por causa do anticlericalismo e das fortes críticas e acusações lançadas contra o cristianismo por setores do movimento.

Palavras-chave: Feminismo; Quakerismo; Shakerismo; Sufragismo.

CAN CHRISTIANITY AND FEMINISM COEXIST? LESSONS FROM THE FIRST WAVE FEMINISM

Abstract: This article will reflect on the influence of Christianity on women's emancipation movements that composed the First Wave of Feminism of the nineteenth and twentieth centuries. When analyzing some egalitarian Christian movements, we found a pattern of opportunities for women's participation and leadership. In this article, through historical literature review, will be highlighted the religious heritage of the characters who staged the beginning of feminism in the United States. The article reveals that shed light on the religious roots of feminism can inspire religious women who don't have sympathy for

¹ Pedagoga, mestranda em Teologia na Escola Superior de Teologia (São Leopoldo-RS) na área de Religião e Educação, integrante do grupo de pesquisa em Currículo, identidade religiosa e práxis educativa, e bolsista da Capes. E-mail: vanessa-meira@gmail.com



contemporary feminism because of anticlericalism and strong criticism against Christianity by sectors of the movement.

Keywords: Feminism; Quakerism; Shakerism; Suffragism.

Introdução

É fácil constatar na história do cristianismo a existência de “teologias da igualdade original da mulher com o homem, restaurada em Cristo” (RUETHER, 1993, p. 88), que Ruether chama de “feminismo escatológico”. Essa face igualitária do cristianismo se desenvolveu de forma paralela e em oposição à face mais patriarcal, e grupos cristãos como os *Quakers* e *Shakers*, o movimento *Holiness*, os Adventistas e os pentecostais foram exemplos de grupos que, em alguma medida, acreditavam na igualdade original de homens e mulheres (na criação divina) e na restauração dessa igualdade em Cristo (RUETHER, 1993, p. 90). Analisando esses movimentos cristãos igualitários é possível observar um padrão de oportunidades para a participação e liderança femininas (ZIKMUND, 1979, p. 221).

No entanto, movimentos cristãos igualitários, como os *Quakers*, são frequentemente negligenciados em pesquisas e publicações sobre as origens dos movimentos dos direitos das mulheres (ZIKMUND, 1979, p. 217). Essa negligência é injustificável, e está baseada numa apressada generalização das principais correntes do cristianismo: quando se afirma que “a igreja oprimiu mulheres” ou que “o cristianismo oprimiu mulheres”, de que igreja e de que cristianismo está se falando? Geralmente, toma-se ao todo pela parte, um caso de falácia da composição.

A desconstrução da religião se tornou um dos principais objetivos de importantes setores do feminismo. Tal desconstrução se manifesta em diferentes formas, sendo uma delas a crítica ao cristianismo. Algumas pesquisadoras feministas defendem o completo abandono do judaísmo e do cristianismo, enquanto outras tentam salvar tais religiões de sua tradição sexista através de uma reforma revisionista (GOLDENBERG, 1979, p. 10). Setores do feminismo contemporâneo anunciam o “fim de Deus” (o Deus judaico-cristão), ou pelo menos o fim de um mundo tão influenciado por Cristo e por Javé (GOLDENBERG, 1979, p. 10).

Naomi Goldenberg, por exemplo, é uma das autoras que acreditam na necessidade da eliminação da tradição judaico-cristã e defendem uma espiritualidade da “Deusa”. Ela afirmou que “nós mulheres vamos dar um fim a Deus” (ALCOFF; CAPUTO, 2011, p. 59), que “havia uma magnificência ligada à ideia de vê-lo [Deus] ir”, e que tinha voltado com alegria à pós-graduação “para estudar o final de Deus” (GOLDENBERG, 1979, p. 3.). Mary Daly é outra importante pensadora feminista que rejeita totalmente a tradição judaico-cristã (RUETHER, 1993, p. 38). E, em uma entrevista, Gloria Steinem² afirmou que a religião é o maior problema do feminismo hoje.

² Informações encontradas do texto *Why Gloria Steinem says she and Jennifer Aniston are in 'Deep Sh*t'*, escrito por Sasha Bronner, publicado em 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/1eoig9Q>>. Acesso em: 27 jun. 2016.



Essa é uma tendência que já se fazia notar na primeira onda do feminismo. Para Goldenberg (1979, p. 11), a pioneira sufragista Elizabeth Stanton queira revolucionar, acreditava na eliminação do judaísmo e do cristianismo ao publicar *The Woman's Bible*, em 1895. Um dos efeitos dessa crítica feminista às religiões foi o abandono de qualquer fé religiosa por mulheres, ou, no mínimo, a criação de espaços alternativos de espiritualidade feminista. Por outro lado, houve também a criação de um sentimento antifeminista em mulheres religiosas que não se viram representadas por esses setores do movimento.

A crítica feminista radical ao cristianismo tende a ser injusta, pois generaliza defeitos e simplifica um quadro tão diversificado quanto o cristianismo, mesmo nas obras de cunho teológico. Curiosamente, a mesma academia teológica que consagrou a hipótese de Walter Bauer (1971) a respeito da diversidade do cristianismo primitivo por vezes trata o cristianismo (primitivo e posterior) como um bloco monolítico no tema do papel da mulher.

É preciso reconhecer que o cristianismo não pode ser restrito às igrejas denominacionais *mainstream*. A Reforma Radical, o Quakerismo, o movimento *Holiness*, os reavivamentos adventistas e pentecostais, e outros movimentos que contribuíram para a emancipação feminina, também são "cristianismo".

Tal face igualitária do cristianismo é tão academicamente respeitável quanto as faces mais misóginas e limitadoras. Se a academia restringe o cristianismo a determinadas denominações, e se debruça apenas sobre determinados períodos misóginos da história, tomando tais denominações como representativas de todo o cristianismo, a análise da relação entre religião e feminismo será sempre estereotipada e equivocada.

Por isso, há uma necessidade de se destacar mais claramente o *background* histórico religioso do movimento feminista e reivindicar a legitimidade de sua importância histórica. Mulheres religiosas precisam saber que houve influência do cristianismo no início dos movimentos pelos direitos das mulheres, e não se pode recapitular a história da consciência ocidental omitindo trechos tão relevantes e positivos. A participação de cristãos na Primeira Onda do Feminismo não deve ser superestimada, mas também não deve ser descrita como ações limitadas e circunstanciais.

Este artigo tem como objetivo demonstrar, através de uma pesquisa histórica bibliográfica, que a presença cristã na Primeira Onda do feminismo não foi marginal, e que essa herança precisa ser resgatada.

Os antecedentes religiosos do feminismo

Em suas críticas ao feminismo contemporâneo, Camille Paglia (1995, p. 6) afirma que há importantes elementos na história do feminismo que geralmente são combatidos ou deixados de fora da "narrativa feminista padrão", o que pode ser percebido na frequente crítica à cultura ocidental, ao sistema capitalista e à religião. Ela afirma que a história feminista tem insuficientemente reconhecido o nível de influência que a religião exerceu sobre as feministas da Primeira Onda nos Estados Unidos (PAGLIA, 2008, p. 6).



Como diz Salisbury (1995, p. 196):

Ao longo de toda a era cristã houve homens e mulheres que viram na sexualidade e o relacionamento entre os dois sexos em termos diferenciados das concepções patrísticas, que acabaram por predominar no pensamento ocidental. Essas ideias também fazem parte de nossa história intelectual.

Para Ruether (1993, p. 35), a verdadeira face do cristianismo é a visão inicial igualitária e contracultural do movimento de Jesus, que teria sido suprimida com o tempo por aqueles que moldaram o cânone escrito do cristianismo. Há na história uma série de “cristianismos alternativos” igualitários, como o montanismo (FIORENZA, 1979, p. 39-44) e algumas formas de gnosticismo (PAGELS, 1979, p. 471-474). E mesmo no cristianismo dominante, o igualitarismo é perceptível nas mulheres místicas, nas comunidades religiosas femininas e movimentos cristãos populares (RUETHER, 1993, p. 36).

Posteriormente, diversos movimentos igualitários ligados à Reforma Protestante abriram espaço para as mulheres pregarem e ensinarem publicamente, e agirem como líderes da igreja (RUETHER, 1993, p. 36). Ruether e McLaughlin (1979) fazem distinção entre o “protestantismo da corrente principal” e o “protestantismo sectário”, vendo nesse último uma tradição mais consistente de empoderar mulheres.

Nos séculos 17 e 18, destacam-se as iniciativas educacionais de mulheres cristãs como Joana de Lestonnac (fundadora da Companhia de Maria, a primeira ordem religiosa feminina dedicada à educação de meninas, na França), Maria Ignacia de Azlor (no México), Clemencia de Caycedo y Vélez (na Colômbia), e os diversos colégios e mosteiros que recebiam jovens para serem educadas na América.

No século 17, grupos puritanos radicais acreditavam que homens e mulheres podiam ser igualmente usados pelo Espírito como pregadores da Palavra, independentemente de classe social, nível cultural ou autorização institucional; e as mulheres pregadoras batistas são mencionadas em um documento de 1641 (IRWIN, 1979, p. 212-214).

A abertura para que mulheres pregassem e até exercessem o ministério já encontra precedentes na Inglaterra do século 17 entre grupos batistas, congregacionais e *Quakers* (BRAITHWAITE, 1955, p. 12, 44, 157-158). Há, de fato, uma tradição bem documentada de mulheres líderes e pregadoras entre batistas e *Quakers* no século 17, e nos movimentos *Holiness* e pentecostais dos séculos 19 e 20 (RUETHER, 1993, p. 164). Mulheres metodistas já pregavam publicamente no final do século 18. Clarissa Danforth foi ordenada ao ministério da igreja *Free Will Baptist* em 1815.

Os séculos 19 e 19 viram florescer comunidades cristãs utópicas que pregavam uma sociologia messiânica igualitária contracultural. A expressão máxima dessas comunidades utópicas talvez tenha sido os *Shakers*, um grupo derivado dos *Quakers* cuja experiência será relatada neste artigo (RUETHER, 1993, p. 37).



A partir do século 17, o papel da mulher na sociedade americana foi se alterando gradualmente. Vários fatores contribuíram para essas alterações, especialmente os fatores religiosos (NUNES, 2009, p. 86). Até Simone de Beauvoir (1970, p. 162) reconhece que o *quakerismo* e seu ativismo social inspirou e “deu o tom a todo o feminismo norte-americano”.

A influência cristã torna-se inegável quando analisamos a biografia das mulheres que se levantaram contra a misoginia. Abigail Quincy Smith Adams, primeira dama dos EUA (foi esposa do presidente John Adams), era de família *Quaker*, filha de um ministro *Quaker*, que posteriormente tornou-se cristã unitariana. Em 1776, através de cartas, ela pressionou seu marido, congressista na época, para a criação de leis igualitárias que beneficiassem as mulheres.³ Apesar de não terem dado resultado, essas cartas são um dos primeiros documentos conhecidos pedindo direitos iguais para as mulheres.

Antes das principais publicações e discursos em favor das mulheres, Judith Sargent Murray, de família cristã congregacional, e depois cristã universalista, publicou *On the Equality of the Sexes*, em 1790 (a igualdade a que ela se referia era a igualdade intelectual).⁴ Hannah Mather Crocker, outra importante autora, era filha de um pastor Congregacionista, e exibia uma forte fé cristã. Ela publicou *Observations on the Real Rights of Women, with Their Appropriate Duties, Reminiscences and Traditions of Boston, Agreeable to Scripture, Reason and Common Sense*, em 1818.⁵

As irmãs Sarah e Angelina Grimké foram uma das primeiras mulheres americanas a defenderem a abolição da escravatura e os direitos das mulheres no século 19, e o igualitarismo cristão *Quaker* foi um fator motivador essencial para elas. O livro de Sarah, *Letters on the Equality of the Sexes and the Condition of Woman*, publicado em 1838, foi a primeira argumentação pública de grande alcance em favor dos direitos das mulheres (BIRNEY, 1885).

A importante sufragista Harriet Bishop foi missionária e professora batista (JAMES *et al*, 1971, p. 151). E a sufragista e defensora dos direitos femininos Lucy Stone era cristã, fortemente influenciada pelo pensamento igualitário das já mencionadas irmãs Grimké. Stone fez seu primeiro discurso feminista no púlpito da *Igreja Evangélica Congregacional* pastoreada por seu irmão William Bowman Stone, em 1847 (WAYNE, 2015, p. 181).

Indignada com o modo como a Bíblia era utilizada para legitimar o sexismo, Stone gastou vários anos aprendendo hebraico e grego para descobrir se a Bíblia de fato apoiava tais interpretações. Ela acreditava que a Bíblia, corretamente interpretada, estava do lado da igualdade de direitos para homens e mulheres (GOLDENBERG, 1979, p. 13).

³ Conteúdo das cartas encontrado no texto *Letters between Abigail Adams and her husband John Adams*. Disponível em: <<https://bit.ly/2eeF1bW>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

⁴ Há um resumo biográfico por título *Judith Sargent Murray Biography*. Disponível em: <<https://bit.ly/2XJv8Gy>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

⁵ Há um resumo biográfico por título *The Life and Work of Hannah Mather Crocker*. Disponível em: <<https://bit.ly/2R-d91WM>>. Acesso em: 23 mai. 2016.



Susan Brown Anthony, um dos nomes mais importantes da Primeira Onda do feminismo, era uma cristã *Quaker*. Foi presa por votar em 1872, quando não era permitido, e em 1890 organizou em Washington a primeira convenção para o voto feminino. Sua atuação foi tão destacada que a emenda permitindo o voto feminino nos Estados Unidos recebeu seu nome: Emenda Anthony (MCHENRY, 1980, p. 10-11).

A firmeza de Susan Anthony foi produto de sua estrita educação cristã *Quaker* (WAYNE, 2015, p. 131). Os valores religiosos de Anthony têm sido subestimados ou tratados como um mero detalhe em estudos biográficos, mas é preciso destacar que ela manteve seus princípios *Quakers* (JAMES *et al*, 1971, p. 51-53). Susan Anthony não compartilhava da visão crítica que outras sufragistas, como Elizabeth Cady Stanton, tinham a respeito da religião (GOLDENBERG, 1979, p. 11). E mesmo Elizabeth Stanton, uma das mulheres mais importantes da Primeira Onda do feminismo, apesar de sua postura mais crítica à religião, era ligada à Igreja Episcopal.

Também houve muitos homens cristãos igualitaristas que apoiaram a luta feminina, como William Lloyd Garrison, que fez seu primeiro discurso sobre princípios igualitários numa igreja, a *Park Street Church*, em Boston, em 1829.⁶ Garrison está homenageado no calendário litúrgico da Igreja Episcopal.

Existem outros vínculos históricos menos óbvios entre o cristianismo e o feminismo, como o caso de Mary Wollstonecraft e seu livro *Vindications*, de 1792, que influenciou algumas mulheres *Quakers* (MICHAELSON, 1993, p. 281-295). As teorias de igualdade de gênero tanto de Wollstonecraft quanto dos *Quakers* são marcadas pelo princípio da razão como um valor fundamental do comportamento humano e pertencente a homens e mulheres, e há evidências de que Wollstonecraft também tenha sido influenciada pela religião ao desenvolver seus conceitos (MICHAELSON, 1993, p. 281-295).

Até mesmo os movimentos sociais organizados que antecederam e influenciaram o feminismo, como o abolicionismo, o movimento de temperança e o sufragismo, tiveram no cristianismo um forte fator motivador.

O abolicionismo

A história registra que o movimento dos direitos das mulheres surgiu, em parte, da luta abolicionista da década de 1840, e foi composto em grande medida por mulheres de tradição *Quaker* (RUETHER, 2012, p. 122). Foi o movimento abolicionista que deu às mulheres americanas a primeira chance de se organizarem para a ação política, como a luta pelo direito feminino de voto (sufragistas). Ali elas aprenderam a criar campanhas de contestação, a fazer reuniões públicas e falar em público. O movimento abolicionista e o de emancipação da mulher se apoiavam mutuamente, e é preciso destacar que a primeira geração de feministas foi composta essencialmente por abolicionistas cristãs.

⁶ O conteúdo do discurso está disponível em: <<https://bit.ly/2WCxMNH>>. Acesso em: 23 mai. 2016.



Uma importante ativista do direito feminino foi Sojourner Truth, uma ex-escrava, abolicionista e pregadora cristã. Após fugir do seu dono com a filha bebê em 1826, e deixar para trás os outros quatro filhos, Sojourner viveu durante algum tempo com uma família *Quaker* que lhe deu a única educação que recebeu na vida. Foram eles que também a ajudaram a recuperar um dos seus filhos. Posteriormente ela se converteu ao cristianismo e viajou pelo país para ajudar nas causas abolicionistas e promover os direitos das mulheres (WAYNE, 2015, p. 193-195).

Entre os negros, houve vários cristãos abolicionistas e ativistas dos direitos femininos no século 19. Harriet Ross Tubman, uma ex-escrava, abolicionista, era uma cristã devota (RAPPA-PORT, 2001, p. 718.). Frederick Douglas, um pregador licenciado pela *African Methodist Episcopal Zion Church*,⁷ foi um dos homens participantes da histórica *Convenção de Seneca Falls*. Mulheres importantes da luta feminina, como Sojourner Truth e Harriet Tubman, também frequentavam essa igreja metodista (LEE, 2009, p. 63).

O movimento de temperança

Muitas mulheres sufragistas e feministas da Primeira Onda faziam parte do grupo cristão protestante *Woman's Christian Temperance Union*, a primeira grande agremiação de mulheres a promover esforços organizados em prol de reformas sociais nos EUA. Esse grupo foi fundado em 1874 com o apoio e a liderança de mulheres cristãs, como Hannah Withall Smith (que era *Quaker*). Outros grupos cristãos mobilizaram mulheres para o ativismo social, como a *New York Female Moral Reform Society*, estabelecida em 1834, com Lydia Finney (esposa do evangelista Charles Grandison Finney) atuando como presidente. A preocupação desse grupo era manter as mulheres fora da prostituição.

O movimento de temperança da década de 1870 foi chamado de *Cruzada das Mulheres* ou *Guerra Santa das mulheres*. As mulheres se reuniam em grupos do lado de fora dos *saloons*, e ali elas oravam, cantavam hinos e obstruíam a entrada. Muitos *saloons* tiveram que fechar ou se mudar (PAGLIA, 2008, p. 6).

A *Woman's Christian Temperance Union* foi a maior e mais influente associação de mulheres que existira até então. Para uma comparação, a associação sufragista *National American Woman Suffrage Association* tinha apenas treze mil membros em 1893, enquanto a *Woman's Christian Temperance Union* contava com quase dois milhões (MASSON, 1997, p. 163, nota 2). A organização do grupo e a mobilização de mulheres em torno de causas sociais contribuíram para o maior envolvimento feminino na política.

A luta sufragista, motivada por ideais e paradigmas religiosos, portanto, não pode ser automaticamente definida como um movimento revolucionário ou classista. Na verdade, o conservadorismo da maioria das líderes sufragistas é percebido em sua simpatia pelo movimento de

⁷ Há um resumo biográfico disponível em: <<https://to.pbs.org/2kqWRel>>. Acesso em: 17 jun. 2016.



temperança, que tinha como um dos principais objetivos proibir o consumo de bebidas alcoólicas nos EUA, o que finalmente levou à Lei Seca (PAGLIA, 2008, p. 5).

1.3 A Convenção de Seneca Falls

Segundo Ruether (1993, p. 166), a Primeira Onda do feminismo se manifestou na *Convenção de Seneca Falls*, em 1848, considerado um evento fundante da Primeira Onda feminista. Essa primeira convenção pelos direitos das mulheres nos EUA ocorreu numa *Igreja Metodista Wesleyana*, o que é uma demonstração simbólica do vínculo entre a Primeira Onda e o cristianismo. Foram dois dias de discussão, e, no final, mulheres e homens assinam uma *Declaração de Sentimentos*, com reivindicações e um plano de ação para o movimento pelos direitos das mulheres. O documento contém doze resoluções pedindo igualdade de tratamento para homens e mulheres perante a lei e o direito de voto para as mulheres.⁸ Pelo menos um quarto das assinaturas da *Declaração de Sentimentos* era de mulheres *Quakers* (HEWITT, 1986, p. 27-49).

O documento de *Seneca Falls* é pleno de referências religiosas à criação divina. Ele termina com uma resolução que incentiva homens e mulheres a se esforçarem para “derrubar o monopólio do púlpito e para assegurar às mulheres participação igual aos homens [...]” (RUETHER, 1993, p. 166). Em suma, a Convenção que marcou a origem formal do feminismo foi realizada por mulheres religiosas dentro de uma igreja, e gerou um documento que transparecia essa religiosidade.

Outro produto da *Convenção de Seneca Falls* foi uma segunda convenção, mais radical, organizada em Rochester, em agosto do mesmo ano. Foi organizada por Lucretia Mott e Elizabeth Stanton, acompanhada por três outras mulheres *Quakers* (Mary Ann McClintock, Jane Hunt e Martha Wright). Isso demonstra que, de um modo geral, o sufragismo está estreitamente vinculado aos setores igualitários do cristianismo do século 19, como os *Quakers*, grupo que será analisado a seguir.

O igualitarismo cristão dos *Quakers*

Barbara Brown Zikmund mostra a relação entre o desenvolvimento do feminismo e o crescimento do “cristianismo sectário” nos EUA do século 19; e os *Quakers*, mais que qualquer outro grupo, deram oportunidade às mulheres exercerem liderança (ZIKMUND, 1979, p. 217). Apesar de ter havido relativa igualdade entre gêneros em grupos Protestantes Radicais, os *Quakers* foram os que desenvolveram tal crença com mais clareza e convicção (IRWIN, 1919, p. 161-162).

Não foi por coincidência que as mulheres *Quakers* assumiram a liderança dos mais importantes movimentos de reforma social do século 19 (WAYNE, 2007, p. 59). A força da herança *Quaker* já pode ser vista no estado de Nova Jersey, onde as mulheres solteiras votavam desde

⁸ Para mais detalhes sobre a *Convenção de Seneca Falls*, ver Imbornoni (2016).



1776, enquanto os outros estados proibiam a emancipação feminina ou se calaram sobre o tema (COPPENS, 2007, p. 7).

Os *Quakers* (ou Sociedade dos Amigos) são um movimento religioso de tradição protestante fundado pelo inglês George Fox em 1652. Destacaram-se como pacifistas, abolicionistas e igualitaristas de gênero. Lideraram e se envolveram em movimentos contra o tráfico de escravos e a escravidão, pela reforma educacional e das prisões, pela abolição da pena de morte e contra as guerras entre nações.

Seu ativismo não era fruto de alguma ideologia ou sentimento revolucionário, mas uma consequência direta de sua teologia. Para os *Quakers*, a dominação masculina era uma manifestação do pecado. A igualdade entre homens e mulheres foi restaurada em Cristo, que ordenou que homens e mulheres fossem anunciadores proféticos do evangelho (RUETHER, 2012, p. 5).

Os *Quakers* sistematizaram teologicamente as propostas igualitárias, em boa medida graças aos esforços de Margaret Fell, esposa de George Fox (FIORENZA, 1979, p. 36). Ela, suas filhas e Fox defendiam a igualdade de homens e mulheres como uma verdade bíblica, sustentada na criação e na doutrina da "imagem de Deus"⁹

Por causa do conceito de *Luz Interior* (fruto da atuação direta do Espírito Santo no interior de cada pessoa, indistintamente), os *Quakers* não admitiriam distinções sociais humanas (livre-escravo, sacerdote-leigo, homem-mulher), pois todos são iguais perante Deus (ZIKMUND, 1979, p. 217). As mulheres pregadoras desempenharam um importante papel ao servirem de modelo para discursos públicos femininos. Elas abriram caminho para que mulheres pudessem discursar em espaços públicos e diante de auditórios diversos (WAYNE, 2007, p. 59).

A educação que ofereciam às suas meninas e mulheres era um destaque. Desde o início, George Fox se esforçou por providenciar escolas para as meninas *Quakers*, criando algumas escolas exclusivamente femininas. Eles insistiam que meninos e meninas deveriam aprender a ler a Bíblia (IRWIN, 1979, p. 129-130).

Os *Quakers* traduziram sua teologia da igualdade de gênero original e restaurada em uma participação das mulheres no trabalho missionário, pregando e liderando reuniões. Mas, inicialmente, eles não se lançaram em um ativismo público pela igualdade das mulheres na sociedade em geral porque sua visão sectária inicial os levava a ver o mundo não-*Quaker* como um mundo caído do qual eles deveriam manter distância.

Mas no século 19 essa postura sectária foi contestada por várias feministas abolicionistas de tradição *Quaker*, particularmente pelas irmãs Grimké e Lucretia Mott, que uniram a teologia *Quaker* com o pensamento democrático americano. Essas mulheres são as matriarcas do feminismo norte-americano. Elas inauguraram a luta pelos direitos civis das mulheres na sociedade

⁹ Um dos textos mais importantes é *Women's Speaking Justified, Proved, and Allowed of by the Scriptures*. Disponível em: <<https://bit.ly/2Znr7lk>>. Acesso em: 24 jun. 2016.



norte-americana que iria ser levada a efeito por mulheres *Quakers* mais jovens, como Susan B. Anthony (RUETHER, 2012, p. 5).

O quakerismo proporcionou um ambiente onde mulheres podiam ser ouvidas em pé de igualdade com os homens. As mulheres *Quakers* não apenas tinham liberdade para pregar e ensinar a religião publicamente, mas também lideravam em atividades seculares e até gerenciavam recursos financeiros.¹⁰ Nas reuniões *Quakers*, qualquer pessoa, homem ou mulher, pode ser movida pelo Espírito a falar (WAYNE, 2007, p. 53). E, no século 19, as mulheres *Quakers* se tornaram cada vez mais visíveis, e desempenharam papel fundamental no surgimento da Primeira Onda do feminismo (ZIKMUND, 1979, p. 217).

Como destaca Ruether (2012, p. 112):

Subjacente a este ministério ativo das mulheres *Quakers* como pregadoras, missionárias, escritoras e líderes de reuniões de mulheres estava uma teologia *Quaker* da igualdade espiritual dos homens e mulheres na criação, uma igualdade que foi restaurada por meio da redenção em Cristo.

A *Quaker* Anne Knight foi quem produziu o primeiro folheto a favor do voto feminino em 1847, e Anna Haslam, uma sufragista *Quaker*, estava entre as que subscreveram a petição do *Women's Suffrage Committee*, apresentada por John Stuart Mill ao parlamento inglês em 1866 (ROWBOTHAM, 1992, p. 57, 70).

Lucretia Mott, uma das principais personagens da histórica *Convenção de Seneca Falls*, era ministra *Quaker* e uma cristã piedosa, bem como eram as *Quakers* Abigail Hopper Gibbons, Abigail Kelley Foster e Hannah Whital Smith, uma das fundadoras do *Woman's Christian Temperance Union* (MCHENRY, 1980, p. 138-139, 152-153, 169-170, 295, 385).

Eram ministras e evangelistas *Quakers* as ativistas Eliza Gurney, Sybil Jones e Elizabeth Leslie Rous Comstock (ZIKMUND, 1979, p. 217-218). Amelia Jenks Bloomer era cristã, e foi incentivada por seu marido, um *Quaker* editor de um jornal, a escrever artigos sobre o tema dos direitos da mulher. Assim, ela se tornou a editora do primeiro jornal dedicado à causa feminina, *The Lily*, em 1849 (MCHENRY, 1980, p. 39).

As abolicionistas e sufragistas Sarah Pugh, Elizabeth Buffum Chace, Lucretia Longshore Blankenburg e Mary Grew eram *Quakers* (JAMES *et al.*, 1971, p. 91, 104, 170, 317). Isabella Ford, escritora e sufragista inglesa, também era de tradição *Quaker* (ROWBOTHAM, 1992, p. 132; CRAWFORD, 1999, p. 226).

A grande oradora Anna Elizabeth Dickinson, primeira mulher a fazer um discurso político no congresso americano, e a ativista dos direitos das mulheres Marta Carey Thomas eram *Quakers* (WAYNE, 2015, p. 66, 231). Alice Paul, outra importante sufragista americana e ativista dos direi-

¹⁰ Para uma exposição mais detalhada de outros aspectos do estilo de vida *Quaker*, ver Loukes (1965, p. 90-124).



tos das mulheres, agiu fortemente influenciada pelos valores *Quakers* (ADAMS; KEENE, 2008, p. 1-19; MCHENRY, 1980, p. 319).

Rebecca Webb Pennock Lukens, a primeira mulher de negócios dos EUA, proprietária e gerente de uma companhia industrial do ramo do aço e ferro. Apesar de não ser ativista, inspirou outras mulheres com sua vida. Sua tradição *Quaker* é destacada como fator primordial em sua carreira de liderança (MCHENRY, 1980, p. 257).

Esse não é um levantamento histórico exaustivo. Muitos outros nomes poderiam surgir em uma pesquisa mais detalhada. Mas é suficiente para demonstrar que o cristianismo foi um dos principais fatores motivadores para o ativismo da Primeira Onda, e acusar generalizadamente o cristianismo de ser opressor é um equívoco. O mais correto, e justo, seria afirmar que houve *setores* do cristianismo que reproduziram a opressão cultural, e houve *setores* que ergueram a bandeira da libertação feminina.

A experiência pioneira dos Shakers

As publicações feministas em português raramente citam os *Shakers*, uma ancestral ramificação feminista e igualitária do movimento *Quaker*, mas eles são altamente relevantes. Os *Shakers* surgiram no século 18 através de uma carismática líder inglesa chamada Ann Lee. Após se mudarem para Nova York, esse grupo cresceu e obteve renome em meados do século 19.

Ann Lee elaborou uma teologia de um Deus andrógino e foi pioneira numa forma de culto ao Deus que é Mãe e Pai. Bem antes do feminismo contemporâneo, ela impôs uma estrita igualdade sexual em todos os níveis de sua comunidade, a propriedade compartilhada dos bens e a valorização da pureza. As mulheres tinham tanta voz que as comunidades *Shakers* por vezes eram uma ginocracia.

Os *Shakers* eram celibatários, pois criam que as relações sexuais causavam a poluição espiritual. Isso explica o decréscimo numérico e sua quase extinção. Após a morte da fundadora carismática mãe Ann Lee, em 1788, os *Shakers* institucionalizaram a igualdade dos sexos em sua teologia, governo e prática diária.¹¹

Glendyne Wergland (2011) analisou as experiências das mulheres nas comunidades *Shakers* e concluiu que eles alcançaram um notável grau de igualdade de gênero num momento histórico em que as mulheres ainda sofriam sob as restrições legais e sociais da tradição patriarcal. Para ela, a experiência das mulheres *Shakers* também serviu de modelo para a promoção dos direitos das mulheres na cultura política americana.

Há lugar para mulheres religiosas?

Após analisar os dados históricos apresentados neste artigo, é possível afirmar que há sim lugar para mulheres religiosas na luta por dignidade e direitos femininos. Ruether defende que

¹¹ Sobre o shakerismo, ver Carreira (2012, p. 85-97).



o feminismo não deve tomar essas expressões marginais do cristianismo como norma e nem deve rejeitar todo o cristianismo dominante como inutilizável para mulheres. Segundo ela, o feminismo deve descobrir o que é utilizável tanto nas tradições cristãs marginais quanto na tradição dominante (RUETHER, 1993, p. 38).

Em tempos em que é muito comum ouvir críticas feministas aos valores judaico-cristãos e sua cultura supostamente repressora e castradora, é preciso resgatar historicamente esse importante traço libertador que se manteve vivo no seio do cristianismo através dos séculos.

Participação e liderança feminina nas igrejas são temas que poderiam ser mais bem explorados por pesquisadores da história do feminismo (para além da questão da ordenação feminina ao ministério).¹² Mesmo não estando diretamente ligados aos movimentos feministas da Primeira Onda, é importante destacar que muitos movimentos cristãos deram espaço para importantes lideranças femininas como Phoebe Palmer (movimento *Holiness*), Ellen G. White (adventista) e Aimee Semple McPherson (Igreja do Evangelho Quadrangular).

A história da Primeira Onda do feminismo responde a uma pergunta de Camille Paglia (2008, p. 4): “O feminismo é intrinsecamente um movimento da esquerda, ou pode haver um feminismo baseado em princípios conservadores ou religiosos?” Nem todas as mulheres irão se interessar em uma revolução feminista à moda classista ou radical, mas as sufragistas podem ser uma inspiração. Como foi visto, as sufragistas norte-americanas reivindicaram a igualdade entre os gêneros mais por causa dos valores religiosos dos *Quakers* do que por algum idealismo revolucionário secular.

Segundo Zikmund (1979, p. 222):

Dentro da própria igreja mulheres foram emancipadas através de estruturas informais [...]. Finalmente, as mulheres foram expostas à competente liderança de mulheres capazes e articuladas entre os Shakers, *Quakers*, Adventistas do Sétimo Dia, Cientistas Cristãos, e nos reavivamentos de Santidade e Pentecostais. O cristianismo sectário do século dezenove empoderou muitas mulheres em cargos de liderança, apesar da sua ambiguidade a respeito das relações simbólicas do “masculino” e do “feminino”.

Para Goldenberg (1979, p. 10-13), as pioneiras Lucy Stone e Elizabeth Stanton representam dois setores do feminismo contemporâneo crítico da religião: os que querem reformar as tradições religiosas, preservando o que não é sexista, e os que querem a total ruptura das tradições religiosas. A segunda opção não parece viável para as mulheres cristãs, mas a primeira é atrativa, e precisamos avaliá-la numa perspectiva bíblico-adventista.

¹² A interminável discussão a respeito da ordenação de mulheres dentro das igrejas cristãs pode esconder ou mascarar o fato de que há muitas igrejas empoderando mulheres mesmo sem ordená-las ao ministério. O protagonismo feminino não passa necessariamente pela ordenação e pelo reconhecimento formal e institucional de uma função, e o papel das mulheres no movimento pentecostal e neopentecostal exemplifica isso.



A “feministização” do cristianismo é necessária?

A teóloga feminista Mary Hunt representa bem o setor revisionista do feminismo cristão. Segundo ela, há espaço na religião para feministas lutarem contra o machismo de dentro das estruturas que o sustentam.¹³ Ou seja, em vez de abandonarem as igrejas, as feministas deveriam ficar e mudar as estruturas de dentro para fora, num processo conhecido como “feministização”¹⁴ da religião” (HUNT, 1995, p. 21-32).

No entanto, o levantamento histórico feito neste artigo revela que a “feministização” não é necessária, pois o cristianismo já possui conteúdo suficientemente adequado para garantir valor à mulher e motivação para o engajamento. O igualitarismo dos reformadores protestantes radicais, dos *Quakers*, dos pentecostais e de outros grupos cristãos não foi fruto de uma “feministização” da religião, mas sim de uma compreensão bíblica. A história revela que não é preciso nenhum ingrediente externo ao conteúdo bíblico, nenhuma ruptura hermenêutica de orientação teológica progressista liberal para que um cristão defenda a igualdade essencial entre homens e mulheres.

Numa perspectiva adventista, há ainda uma questão adicional: teologicamente, a “feministização” do cristianismo está vinculada ao método histórico-crítico de interpretação bíblica e ao progressismo cristão, o que tem provocado profundas reinterpretações da fé cristã. Os adventistas deveriam avaliar profunda e criteriosamente os riscos do engajamento, pois o feminismo contemporâneo, em suas principais vertentes, tem sido crítico da religião, revisionista; e a hermenêutica feminista pode levar a um afastamento do princípio *Sola Scriptura* e do conceito de autoridade final das Escrituras.

Considerações finais

A herança cristã é diversificada, e as comunidades cristãs que valorizavam a liberdade feminina e a igualdade não foram sufocadas pelo peso das igrejas tradicionalmente fechadas à emancipação feminina. Essas comunidades mantiveram vivo o pensamento igualitário dentro do cristianismo. Essa visão sempre existiu, foi preservada e registrada dentro do cristianismo, o que possibilitou, aliás, a exposição de uma de suas facetas neste artigo: a relevante e influente linha de pensamento que deu dignidade e independência às mulheres.

Ao contrário do que pode sugerir o senso comum, as mulheres e os homens cristãos que deram início à Primeira Onda não se engajaram *apesar* da sua fé cristã, e sim *por causa* de sua fé cristã. O cristianismo dessas pessoas não pode continuar sendo retratado como um detalhe, um mero dado circunstancial irrelevante, mas como um importante fator motivador do ativismo delas. É preciso avaliar como o exemplo e o ensino dessas comunidades podem nos ajudar hoje.

¹³ Informações retiradas do texto *Religião e feminismo combinam?*, de Mary Hunt, publicado em 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2g7BnO7>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

¹⁴ Tradução livre do neologismo inglês *feministization*, usado em publicações feministas.



Redescobrir essa história nos permite reivindicar uma parte de nosso passado cristão e nos ajuda a retratar o cristianismo com mais isenção e menos estereótipos. Há na história dessas comunidades farto material para pesquisa para quem deseja explorar historicamente visões positivas sobre a mulher dentro do cristianismo.

Pode ser que a ênfase no feminismo de Primeira Onda seja mais interessante às mulheres religiosas, ou de orientação liberal individualista, em contraste com outras tradições (como o feminismo classista, socialista e radical). Quando os setores revolucionários do feminismo tecem ácidas críticas à religião, propondo rupturas radicais com a tradição judaico-cristã (ou até mesmo sua eliminação), causam repulsa em mulheres religiosas e mais identificadas com o pensamento liberal ou conservador. Isso (e não explicações simplistas sobre o patriarcado internalizado) pode explicar em parte o sentimento antifeminista encontrado em muitas mulheres.

Redescobrir as raízes religiosas ligadas ao feminismo pode ajudar a desfazer estereótipos e conquistar a simpatia de uma grande parcela de mulheres. Além disso, pode inspirar e motivar mulheres religiosas na luta contra superestruturas religiosas mais opressoras sem abrir mão de sua própria herança cristã.

Referências

ADAMS, K. H.; KEENE, M. L. **Alice Paul and the American Suffrage Campaign**. Chicago: University Of Illinois Press, 2008.

ALCOFF, L.; CAPUTO, J. D. **Feminism, sexuality, and the return of religion**. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

BAUER, W. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Philadelphia: Fortress, 1971.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Vol 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRAITHWAITE, W. C. **The beginnings of Quakerism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.

CARREIRA, S. S. G. Shakerismo na América do Norte: ascensão e queda de uma comunidade utópica. **Recôncavo**: Revista de História da Uniabeu, v. 1, n. 2, p. p. 85-97, jan-jul. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/31w4sf2>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

COPPENS, L. M. **What american women did: 1789-1920**. Jefferson: McFarland & Company, 2007.

CRAWFORD, E. **The women's suffrage movement: a reference guide 1866-1928**. London: UCL Press, 1999.



FIORENZA, E. S. Word, spirit and power. In: RUETHER, R. R.; MCLAUGHLIN, E. (Eds.). **Women of spirit: female leadership in the jewish and christian traditions**. New York: Simon and Scuster, 1979.

GOLDENBERG, N. R. **Changing of the gods: feminism and the end of traditional religions**. Boston: Beacon Press, 1979.

HEWITT, N. A. Feminist Friends: Agrarian *Quakers* and the emergence of woman's rights in America. **Feminist Studies**, v. 12, n. 1, p. 27-49, 1986.

HUNT, M. Psychological implications of women's spiritual health. In: COLE, E.; OCHSHORN, J. (Eds.). **Women's spirituality, women's lives**. Binghamton: Harrington Park Press, 1995.

IMBORNONI, A. M. **Women's rights movement in the U.S.:** history of the american women's rights movement 1848–1920. Disponível em: <<https://bit.ly/1f1fgRA>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

IRWIN, J. L. **Womanhood in Radical Protestantism, 1525-1675**. New York: The Edwin Mellen, 1979.

LEE, M. S. **The Cambridge Companion to Frederick Douglass**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

LOUKES, H. **The Quaker contribution**. Naperville: SCM Press, 1965.

MASSON, E. M. The Women's Christian Temperance Union 1874-1898: combating domestic violence. **William & Mary Journal of Women and the Law**, v. 3, p. 163-188, 1997. Disponível em: <<https://bit.ly/2ljsjqN>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

MCHENRY, R. (Ed.). **Famous American women:** a biographical dictionary from colonial times to the present. Springfield: G&C Merriam Company, 1980.

MICHAELSON, P. H. Religious bases of eighteenth-century feminism: Mary Wollstonecraft and the *Quakers*. **Women's Studies**, v. 22, n. 3, p. 281-295, 1993.

NUNES, R. M. M. **Anne Hutchinson - Uma Pregadora e Defensora da Liberdade Religiosa em New England**. Lisboa, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Aberta, Lisboa, 2009.

PAGELS, E. **The gnostic gospels**. New York: Random, 1979.

RAPPAPORT, H. **Encyclopedia of women social reformers**. Santa Barbara: ABC Clio, 2001. v. 1.



ROWBOTHAM, S. **Women in movement:** feminism and social action. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1992.

RUETHER, R. R. **Sexismo e religião:** rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

RUETHER, R. R. **Women and redemption:** a theological history. Minneapolis: Fortress Press, 2012.

SALISBURY, J. E. **Pais da Igreja, virgens independentes.** São Paulo: Página Aberta, 1995.

WAYNE, T. K. **Women's rights in the United States:** a comprehensive encyclopedia of issues, events and people. Santa Barbara: ABC Clio, 2015.

WAYNE, T. K. **Women's roles in nineteenth-century America.** Westport: Greenwood Press, 2007.

WERGLAND, G. **Sisters in the Faith:** Shaker women and equality of the sexes. Amherst: University of Massachusetts Press, 2011.

ZIKMUND, B. B. The Feminist thrust of sectarian Christianity. In: RUETHER, R. R.; MCLAUGHLIN, E. (Eds.). **Women of Spirit:** female leadership in the jewish and christian traditions. New York: Simon and Scuster, 1979.